

ALEXANDRA BRACKEN

L  R E

AMOSTRA

TRADUÇÃO DE: LUCIANA FERREIRA

AN ALTA  
NOVEL

Rio de Janeiro, 2022

PARTE UM

**CIDADE DOS  
DEUSES**



AMOSTRA

# UM



SUA MÃE UMA VEZ LHE DISSE QUE A ÚNICA FORMA DE REALMENTE CONHECER alguém era lutando com essa pessoa. Na experiência de Lore, a única coisa que lutar revelava mesmo era a área do corpo em que o oponente menos queria ser atingido.

Para seu oponente, essa área era claramente a nova tatuagem no peito esquerdo, que ainda estava coberta com um curativo.

Lore ergueu suas luvas de boxe de 400g e deixou que elas absorvessem outro golpe desleixado. Seus tênis guincharam no tatame azul e barato conforme recuava um passo para trás. As tiras de fita adesiva prateada que mantinham o ringue improvisado no lugar começavam a descolar após cinco lutas naquela noite, com toda a umidade e calor. Ela grunhiu enquanto selava a fita mais próxima com o calcanhar.

Suor escorria por seu rosto até que tudo que pudesse sentir fosse o gosto de sal. Lore recusou-se a secá-lo, mesmo quando o suor fez com que seus olhos ardessem. A dor era boa. A mantinha focada.

Isso — a luta — nada mais era do que um hábito ruim recente, que lhe trouxe uma libertação da qual necessitava desesperadamente após a morte de Gil, seis meses atrás. Mas a promessa original de ser *só essa luta* desaparecera assim que sentiu aquela onda familiar de adrenalina.

Uma luta fora o suficiente para abafar o luto ensurdecedor, tirá-la de dentro de seus pensamentos e levá-la de volta ao corpo. Duas lutas a desconectaram da profunda dor no coração. Três trouxeram uma surpreendente quantidade de dinheiro.

E agora, semanas depois, a luta de número quinze estava proporcionando exatamente o que ela queria desesperadamente naquela noite: uma distração.

Lore disse a si mesma que poderia parar a qualquer momento, quando aquilo não mais a fizesse se sentir bem. Quando dragasse muito à superfície o que ela havia enterrado.

Mas Lore não chegou a esse ponto. Ainda não.

O porão apertado do restaurante Red Dragon — Fina Culinária Chinesa — estava sufocante. A pressão quente de corpos muito amontoados cercava o tatame. A multidão se movimentou junto com os lutadores, formando um cordão não oficial no ringue conforme seguravam com firmeza os copos descartáveis e tentavam não derrubar suas bebidas caras. Notas de dinheiro e apostas fluíam em volta dela, de mão em mão, até alcançarem Frankie, o organizador das lutas. Lore olhou de relance para o homem enquanto ele arrumava pedidos e apostas das próximas duas lutas, sempre menos interessado no vencedor do que no quanto ganharia.

Vapor descia escada abaixo, vindo da cozinha acima deles, dando ao ar um aspecto acetinado. O cheiro de frango *kung pao* era uma alternativa deliciosa ao fedor de vômito velho e cerveja choca que assombrava as boates clandestinas que sediavam o ringue.

A multidão parecia não se importar; se aquilo era necessário para que tivessem a ilusão de estarem cheios de adrenalina, tudo bem. A lista de convidados exclusivos de Frankie parecia bem menos exclusiva esses dias: modelos, pessoas do mundo artístico e executivos que passavam pequenos sachês de pó branco entre si eram agora frequentemente acompanhados por alunos de escolas particulares testando os limites da apatia dos pais.

Seu oponente era um garoto quase da sua idade — todo molenga, com a pele sem marcas e uma confiança sem causa. Ele riu, apontando um dedo na direção dela conforme a escolhia entre todos os lutadores disponíveis de Frankie. Lore decidira que o destruiria e devastaria qualquer pedaço esfarrapado que sobrasse de seu orgulho muito antes de ele chamá-la de *bebezinha* e soprar um beijo bêbado em sua direção.

— Vou tentar adivinhar — disse ela, por entre o protetor bucal. Lore acenou a cabeça na direção do curativo no peito do adolescente, que cobria uma tatuagem recente —, *foco, força e fé? Carpe diem?*

As sobranças dele se abaixaram com a multidão caindo na risada. O garoto deu um soco na direção da cabeça de Lore, grunhindo com o esforço. O movimento, combinado com sua pouca força, deixou o peito aberto. Lore tinha um alvo claro quando bateu na pele macia e tatuada.

Os olhos do garoto saltaram e sua respiração ficou ofegante. Ele se ajoelhou no tatame.

— Levante-se — disse Lore. — Você está envergonhando seus amigos.

— Sua... sua imbecil... vad... — disse o garoto, com dificuldade, entre o protetor bucal. Lore se perguntou quanto tempo levaria para que ele perdesse a cabeça, e agora tinha a resposta: cinco minutos.

— Tenho *certeza* de que você não devia me chamar disso — disse ela, o rodeando —, até porque é você quem está de quatro.

Ele se levantou com esforço, bufando de ódio. Ela revirou os olhos.

*Perdeu a graça, não é?* — pensou Lore.

Gil lhe diria para sair de perto desse garoto idiota — ele sempre fora rápido em lembrar Lore, com aquele jeito de avô, sem julgamentos, que não era preciso se jogar em todas as brigas que aparecessem. A verdade era que ele teria odiado essa situação, e Lore também sofria com essa culpa de desapontá-lo.

Mas a jovem havia tentado outras alternativas. Nada a ajudara a superar a maré esmagadora da perda como uma boa luta. E agora não era apenas da morte de Gil que ela precisava fugir; havia um novo medo a rasgando por dentro.

Era agosto, e a caçada havia retornado à sua cidade.

Apesar de seus melhores esforços para seguir em frente, para esquecer a vida sombria que havia deixado para trás e entrar no brilho ensolarado de uma vida melhor, alguma parte de sua mente ainda estava sintonizada com a lenta contagem regressiva dos dias. Seu corpo havia ficado mais firme; seus instintos, mais afiados, como se estivesse se preparando para o que estava por vir.

Ela começou a ver rostos familiares pela cidade há umas duas semanas, enquanto fazia os últimos preparativos para hoje à noite. O choque a atingiu como uma faca nos pulmões; cada vez que os via, confirmava que toda a sua esperança e toda a sua súplica silenciosa foram em vão. *Por favor* — pensou ela, repetidamente, nos últimos meses — *faça com que esse ciclo seja em Londres. Faça com que seja em Tóquio.*

Faça com que seja em qualquer lugar, menos em Nova York.

Lore sabia que não deveria ter corrido o risco de sair esta noite, não quando a matança estaria no auge. Se um único caçador a reconhecesse, as linhagens não estariam apenas caçando deuses. Também estariam atrás do seu couro.

De canto de olho, Lore viu Frankie checar seu relógio de bolso ridículo, dando-lhe o sinal para *finalizar* a luta. Ela supôs que o homem tinha que ir a algum lugar ou sair para deitar em uma cama de dinheiro.

— Mas já? — perguntou Lore.

Aparentemente, o álcool decidiu bater no garoto de uma vez só. Ele perseguiu Lore pelo tatame balançando os punhos desajeitados, ficando mais irritado quando as risadas explodiram da multidão.

Conforme ela se virava para se esquivar de um golpe, seu colar pulou para fora de sua blusa. O pingente nele, uma pena dourada, refletiu a luz fraca e brilhou. A luva de seu oponente o acertou. De alguma forma, ele deve ter prendido a luva na corrente fina, porque, assim que Lore se movimentou de novo, o fecho se rompeu e, de repente, o pingente estava no chão aos seus pés.

Lore usou os dentes para abrir a tira de velcro da luva e deixar a mão livre. Ela se agachou quando o oponente desferiu outro golpe, recuperando o colar e o enfiando no bolso traseiro de seus jeans, por segurança. Quando calçava a luva novamente, seu corpo se inflamou com uma nova onda de remorso.

Quem lhe deu o colar foi Gil.

Lore voltou-se para o garoto, lembrando a si mesma que não podia matá-lo. Poderia, entretanto, quebrar o narizinho lindo dele.

O que, para a felicidade da multidão, ela fez.

Sangue explodiu do rosto dele, enquanto ele xingava.

— Acho que já passou da hora de o *bebezinho* dormir — disse ela, lançando um olhar de volta para Frankie para ver se ele se lembraria de finalizar a luta. — Na verdade...

Ela viu o punho vindo em sua direção com a visão periférica e se virou bem a tempo de levar um soco na lateral da cabeça, em vez de no olho. O mundo escureceu, então explodiu novamente em claridade e cor, mas ela conseguiu se manter de pé. O garoto cantou vitória, jogando os braços para o alto, com o nariz ainda sangrando. Ele deu uma guinada na direção dela, e, no momento em que ela percebeu o que estava acontecendo, já era tarde.

Lore levou instintivamente as luvas até o peito em defesa, mas não era onde ele estava mirando. O garoto passou o braço ao redor do pescoço dela e esmagou os lábios nos dela.

O pânico era cegante, explodindo da pele de Lore como gelo; isso a trancou fora da própria mente. Ele pressionou o corpo dele mais firmemente, e sua língua desajeitadamente na dela, enquanto a multidão uivava ao redor deles.

Algo se abriu dentro da jovem, e a pressão que vinha sendo acumulada em seu peito por semanas se libertou com um rugido de fúria. Ela levou o joelho com força entre as pernas dele. O rapaz caiu como se ela tivesse cortado sua garganta, gritando enquanto ia em direção ao chão. Então, ela atacou.

A próxima coisa da qual Lore se lembra foi de ser puxada para longe do chão, ainda chutando e rosnando. Suas luvas estavam cheias de sangue, e o que restou do rosto dele estava irreconhecível.

— Pare! — Grande George, um dos seguranças de Frankie, deu-lhe uma leve sacudidela. — Querida, ele não vale a pena!

O coração de Lore esmurrava suas costelas, batendo rápido demais para que ela recuperasse o fôlego. Seu corpo estremeceu enquanto Grande George a colocou de volta no chão, segurando-a, até que ela assentiu com a cabeça, indicando estar bem. Da parte dele, Grande George foi lentamente até o garoto, gemendo no tatame, e o cutucou com o pé.

Conforme as batidas no ouvido de Lore diminuíram, ela percebeu que o porão estava em silêncio total, com exceção dos sons que vinham da cozinha no andar de cima.

Um sentimento de horror rastejou por dentro dela, dando um nó em seu coração. Dentro de suas luvas, seus dedos se fechavam ao ponto de ficarem doloridos. Ela não apenas perdera o controle, mas escorregara de volta para o lado de si mesma que pensou ter matado há anos.

*Essa não sou eu* — pensou ela, limpando o suor do buço. — *Não mais.*

A vida era mais do que isso.

Desesperada para garantir o pagamento da noite, Lore ignorou a bile e o ódio intenso que sentia pelo pedaço de imundície choramingando no chão e deu um sorriso acanhado. Ela levantou as mãos e deu de ombros.

Os espectadores a recompensaram com gritos animados, levantando os copos no ar.

— Você não ganhou... você roubou — disse o garoto. — Não foi justo... você *roubou!*

Esse era o problema de garotos como ele. O que ele sentia naquele momento, aquela *raiva*, não era o mundo caindo sobre ele. Era uma ilusão sendo que-



brada, aquela que o fez pensar que merecia ter tudo, e que isso lhe era devido simplesmente por existir.

Lore tirou as luvas e inclinou-se sobre o garoto. A multidão se calou, com rostos excitados, como corvos famintos.

— Quem sabe na próxima você ganhe no choro — disse ela, docemente, enquanto pressionava o curativo dele com força, dessa vez com a mão despidada. O gongo soou por cima dos gritos de ultraje do rapaz, finalizando a luta. Grande George o arrastou de volta para o seu grupo de amigos.

Lore começou a andar na direção de Frankie. Foi um erro vir aqui nesta noite. Mesmo agora, ela não conseguia distinguir se seu corpo queria sair correndo dali ou gritar.

Ela foi até a borda do ringue quando a próxima luta foi anunciada.

— Próxima luta: Áurea contra Gêmeos.

Lore lançou a ele um olhar incomodado, que foi retribuído com o característico sorriso despreocupado do organizador de lutas. Frankie levantou cinco dedos. Ela balançou a cabeça, e ele levantou mais três. Notas amassadas balançavam no ar ao redor dela, vibrando conforme a multidão se apressava para fazer suas apostas.

Ela precisava ir para casa. Sabia disso, mas...

Lore ergueu dez dedos. Frankie fez uma careta, mas gesticulou para que ela voltasse ao ringue. Ela calçou as luvas novamente e se virou. Se esse era um dos amigos do garoto, ela pelo menos se divertiria.

Não era.

Lore cambaleou para trás. Seu oponente estava de pé bem onde a luz lançada pela luminária acima não alcançava, claramente dando boas-vindas à escuridão. O jovem deu uns passos para frente, o suficiente para que o fraco brilho capturasse a máscara de bronze que obscurecia seu rosto.

A respiração de Lore pesou em seus pulmões.

*Caçador.*

# DOIS



UMA ÚNICA PALAVRA PASSOU COMO UMA LABAREDA EM SUA MENTE. —  
*Corra.*

Mas seu instinto exigia outra coisa, e o corpo obedeceu. Ela entrou em postura de combate, sentindo gosto de sangue enquanto mordia o interior de sua boca. Cada parte de si parecia vibrar, eletrificada por medo e fervor.

*Você é uma idiota* — disse Lore a si mesma. Teria que matá-lo na frente de todas essas pessoas ou encontrar um jeito de levar a briga para fora e fazer isso lá. Aquelas eram as únicas opções que permitiu-se considerar. Lore não estava prestes a morrer em um tatame encharcado de bebida no porão de um restaurante chinês que não servia nem mesmo *mapo tofu*.

A altura do oponente era muito superior à de Lore, de tal modo que a fez tentar fingir que não se preocupava com isso. Ele tinha pelo menos quinze centímetros de vantagem sobre ela, apesar de ela mesma ser alta. A blusa cinza simples e a calça de moletom que usava eram justas demais para ele, esticando-se sobre sua forma atlética. Cada músculo de seu corpo era perfeitamente definido, como os daqueles homens que ela apenas vira nos vasos antigos de seu pai. A máscara que usava era a de um homem com expressão raivosa, como se soltasse um grito de guerra.

A Casa de Aquiles.

*Bem* — pensou Lore, de forma vaga. — *Merda.*

— Não luto com covardes que não mostram o rosto — disse ela, com frieza.

A resposta foi calorosa, fazendo vibrar uma risada reprimida.

— Imaginei.

Ele tirou a máscara e a deixou no canto do ringue. O resto do mundo foi consumido em chamas.

*Você está morto.*

As palavras ficaram presas em sua garganta, sufocando-a. A multidão empurrou Lore para a frente, em direção ao tatame, mesmo enquanto ela dava um passo para trás, mesmo enquanto lutava pelo ar que não parecia chegar até ela. Os rostos à sua volta se transformaram em borrões na escuridão que permeava sua visão.

*Você deveria estar morto* — pensou Lore. — *Você morreu.*

— Está surpresa? — Havia um tom esperançoso na voz dele, mas seus olhos estavam buscando por algo. Ansiosos.

*Castor.*

Os seus traços de outrora prometiam se tornar algo parecido com o que ela via ali, mas estavam ainda mais afiados e definidos agora que a plenitude da juventude se esvaiu de seu rosto. Era assustador o quando sua voz estava grave.

Por um terrível momento, Lore se convencera de que estava em um sonho lúcido. Que isso apenas terminaria da mesma forma que os sonhos sobre quando seus pais e irmãs ainda estavam vivos. Não tinha certeza se deveria se sentir enjoada ou começar a chorar copiosamente. A pressão foi se acumulando em seu crânio, imobilizando-a, sufocando qualquer alegria que possa ter vazado como sangue em meio ao choque.

Mas Castor Aquileu não havia sumido. As dores da luta anterior de Lore ainda estavam ali, latejando. O cheiro de bebida e fritura estava em todo canto. Ela sentia cada gota de suor grudando em sua pele, correndo por seu rosto e costas. Isso era real.

Mas Lore ainda não conseguia se mexer. Não conseguia parar de olhar para o rosto dele.

*Ele é real.*

*Ele está vivo.*

Quando um sentimento finalmente quebrou todo aquele torpor, não foi o que ela esperava. Era raiva. Não do tipo selvagem, que consome, mas tão afiada e impiedosa quanto as espadas com as quais treinavam no passado.

Castor estava vivo e a deixara sofrer com o luto por sete anos.

Lore passou uma das mãos enluvadas pelo rosto, tentando recuperar o foco, mesmo quando parecia que seu corpo se dissolveria. Já era travado um

combate ali. Ele encaixara o primeiro golpe, mas esta era a pessoa que outrora fora seu melhor amigo, e ela sabia a melhor forma de retribuir.

— Por que eu estaria? — disse Lore, com dificuldade. — Não faço ideia de quem você é.

Um toque de incerteza passou pela expressão de Castor, mas desapareceu quando ele ergueu uma sobrancelha e deu a ela um pequeno sorriso como sinal de que esperava por isso. Ao lado de Lore, vários homens e mulheres na plateia faziam um burburinho e começaram a cochichar.

Não havia como tirá-lo dali sem fazer uma cena, e não havia como ela deixá-lo sair desse porão ileso depois de tudo que aconteceu. Lore deu meia-volta para dar o sinal a Frankie, na esperança de que ninguém pudesse ver seu coração tentando fugir de seu peito a marteladas.

O gongo soou. A multidão vibrou. Ela entrou em posição de combate.

*Vá embora* — pensou ela, encarando Castor por cima das luvas. — *Me deixe em paz.*

Ele não se importara o suficiente para tentar encontrá-la nos últimos sete anos, então qual era sua intenção agora? Zombar dela? Tentar forçá-la a voltar?

Não conseguiria isso nem sonhando.

— Por favor, seja gentil. — Castor ergueu as mãos, olhando para fenda em uma das luvas que pegou emprestado. — Não treino há um tempo.

Ele não apenas estava vivo, como também terminara o treinamento de curandeiro em vez de lutador, como planejado. Sua vida seguira exatamente como deveria, sem que ela estivesse presente para atrapalhar.

E ele nunca foi atrás da amiga. Nem quando ela mais precisou dele.

Lore manteve seus passos leves, rodeando-o. Sete anos se estendiam entre eles, como o mar vinho-escuro.

— Não se preocupe — disse ela, friamente. — Isso vai terminar rápido.

— Não tão rápido, espero — disse ele, com outro sorriso aparecendo em seus lábios.

Seus olhos escuros capturaram a luz das lâmpadas que balançavam no teto, e suas íris pareciam faiscar. Ele tinha um nariz longo e retilíneo; apesar de ter sido quebrado inúmeras vezes nos treinamentos, seu maxilar foi esculpido em ângulos perfeitos e suas maçãs do rosto eram como lâminas.

Lore desferiu o primeiro soco. O jovem se esquivou para o lado para evitá-lo. Era mais rápido do que ela lembrava, mas seus movimentos vacilavam. Por mais forte que seu corpo aparentasse ser, Castor *estava* fora de ritmo. Isso a fez pensar em uma máquina enferrujada se esforçando para voltar ao trabalho habitual. Como se fosse uma confirmação das suspeitas de Lore, ele se esquivou um pouco demais e precisou se equilibrar para não cair.

— Você está aqui para lutar ou não? — rosnou ela. — Sou paga por luta, então pare de desperdiçar meu tempo.

— Nem sonharia com isso — disse Castor. — A propósito, você ainda deixa o ombro direito cair.

Lore fez uma careta, resistindo ao impulso de corrigir a postura. Eles já estavam perdendo a audiência. O chão do porão estremeceu com a multidão batendo forte com os pés no mesmo compasso, tentando forçar uma mudança no ritmo da luta.

Castor pareceu perceber isso também — ou então foram as bebidas que jogaram nele —, porque seu semblante agora exibía um foco recém-encontrado. As lâmpadas continuavam a balançar nos cordões, projetando sombras. Ele se entrelaçou para dentro e para fora delas, como se soubesse se tornar escuridão encarnada.

Fez uma finta para a direita e lançou um soco hesitante no ombro dela.

A fúria pintou o mundo de Lore de branco escaldante. Isto mostrava o quão pouco ele a respeitava agora. Não a via como uma oponente digna, mas como uma piada.

Lore bateu com o punho no rim de Castor e, enquanto ele se curvava, sua mão esquerda esmurrou a orelha do rapaz. Ele cambaleou até cair apoiado em um dos joelhos, quando não conseguiu recuperar o equilíbrio.

Ela desferiu outro soco, dessa vez direcionado ao rosto, mas ele ainda tinha reação suficiente para bloqueá-lo. O impacto reverberou pelo braço da jovem.

— Continue brincando comigo — alertou ela. — E veja no que isso vai dar.

Castor a encarou por entre o cabelo escuro e bagunçado, que caía nos olhos, e a pele de marfim dele estava corada. Ela o encarou de volta. Suor pingava do queixo de Lore, e seu corpo ainda pulsava com a força da tempestade dentro dela. As luzes balançantes dançavam nas íris escuras dele novamente,

quase de maneira hipnótica. O último resquício de humor havia deixado o rosto dele, como se ela o tivesse arrancado de lá.

Ele se lançou para frente, passando um braço por detrás dos joelhos dela e puxando-os para a frente. Em um momento, Lore estava em pé, no outro, com as costas estateladas no chão, ofegando para conseguir puxar o ar. O público foi ao delírio.

Levantou uma perna para chutá-lo para longe e ouviu a voz agradável de Frankie alertar:

— Sem chutes!

*Certo.*

Ela rolou com força para a esquerda, chegando à beirada do tatame e ficando novamente de pé. Dessa vez, quando lançou uma rajada de socos na direção de Castor, ele estava preparado, retribuindo golpe por golpe. Ela se esquivou e balançou, se afundando na correnteza da luta. Seus lábios se curvaram em um sorriso involuntário.

Houve um movimento acima do porão enquanto alguém descia as escadas. Aquele único olhar custou à Lore — Castor recuou o braço e lançou um golpe poderoso no estômago dela.

Ela arfou, tentando não se curvar. Os olhos de Castor se alargaram, quase que amedrontados.

— Você está b...? — disse ele.

Lore abaixou a cabeça e se dirigiu direto ao peito dele. Foi como bater em uma parede de cimento. Cada articulação de seu corpo sentiu o baque, e sua visão estava cheia de pontinhos pretos, mas ele caiu, e ela foi junto.

Castor rolou com ela para que pudesse ficar por cima, tendo cuidado para não esmagá-la com seu peso conforme a pressionava no tatame. Lore se satisfez por ouvi-lo respirando com a mesma dificuldade que ela.

— Você morreu — disse ela, com pouco ar, enquanto lutava contra o corpo dele.

— Não tenho muito tempo — disse ele. Então, ele mudou para a língua antiga. — Preciso da sua ajuda.

O sangue de Lore gelou com aquelas palavras, ditas em uma língua que ela tentava se forçar a esquecer.

— Algo está acontecendo — disse ele. A luta havia aquecido o corpo dele de um jeito que quase queimava ao toque. — Não sei em quem posso confiar.

Lore virou o rosto.

— E isso é problema meu? Estou *fora*.

— Eu sei, mas também preciso alertar você... droga — sussurrou Castor, e então xingou de novo na língua antiga, só por garantia. Ele trocou de posição para que Lore ficasse sobre ele. Ela estava vagamente ciente da audiência entoando a contagem obrigatória de oito segundos. Tarde demais, percebeu que o rapaz estava deixando-a ganhar.

— Idiota — disse ela.

O olhar de Castor estava fixo na escada, na figura que ela vira de relance antes. Evander — parente de Castor e eventual parceiro de brincadeiras deles quando eram crianças.

Van vestia um manto preto simples de caçador, com o cintilar de algo dourado fixado logo acima do coração. Sua pele escura brilhava com o vapor que vinha de trás dele, da cozinha no andar de cima, em um tom tão frio quanto o de uma pérola. Ele havia aparado o cabelo rente à pele, o que só servia para destacar o quão devastadoramente bonito ele era. Seus olhos eram nítidos enquanto ele sinalizava algo para Castor.

— Acabou o tempo — disse Castor. Lore não tinha certeza se ele estava falando da luta ou de outra coisa.

— Espere — disse Lore, mesmo sem saber por quê. Mas Castor já a havia levantado de cima dele. Suas mãos se demoraram na cintura dela um segundo a mais do que eles pareceram perceber.

— Ele está procurando algo, e eu não sei se é você — disse Castor. A cabeça de Lore ficou aérea conforme aquelas palavras eram absorvidas. Só existia um *ele* que importava. Ela lutou para puxar o próximo fôlego. Lutou contra a crescente estática nos ouvidos.

— Você pode estar cansada do Ágon, mas não acho que o Ágon se cansou de você. Tenha cuidado. — O olhar dele se tornou intenso quando se abaixou e sussurrou em seu ouvido. — Você ainda luta como uma Erínia.

Castor se afastou, fazendo reverência, aceitando as vaias da multidão e um copo descartável que lhe foi oferecido. Abriu caminho em meio à plateia, indo direto para as escadas. Conforme Castor o alcançava, Evander apertou seu braço, e, juntos, sumiram na cozinha abafada.

Alguém agarrou o pulso de Lore, tentando erguer seu braço no ar, mas Lore já estava em movimento, passando por entre a multidão.

*O que você está fazendo?* — gritou sua mente. — *Deixe-os ir!*

Ela trombou com alguém perto das escadas, com força o suficiente para que ele cambaleasse para trás, contra a parede mais próxima. Lore girou no próprio eixo com parte de um pedido de desculpas já escapando de seus lábios, quando viu quem era.

*Merda.*

A pele dele era branca como osso, seus olhos escuros se arregalaram de uma forma quase cômica quando encontraram os dela. Descolado, com o cabelo raspado de um jeito meio hipster. Porte magro e jeans justos. Colar feito de crina de cavalo trançada.

Miles.

*Inacreditável* — pensou ela. Como diabos essa noite conseguiu ficar pior? — Espere aqui! — ordenou ela.

Com um aceno de cabeça atordoado de Miles, Lore correu para a cozinha, passando por cozinheiros irritados e pelo véu de vapor até encontrar a porta de emergência que estava desativada e irromper na rua escura.

O ar brilhava em um tom de vermelho que vinha das lanternas traseiras do SUV acelerando para longe. Um único copo descartável rolou até seus pés, com algo escuro manchado na lateral.

Tinta.

Ela se virou em direção à fraca luz da luminária de emergência acima da porta, tentando analisar os traços irregulares de cada letra. A pulsação batia selvagemmente em suas têmporas.

*Apodidraskinda.*

Uma brincadeira de criança. Esconde-esconde.

Um desafio. *Venha me encontrar.*

Lore jogou o copo fora em uma lixeira ali perto e saiu dali.



# TRÊS



QUANDO LORE VOLTOU PARA O PORÃO, O CALOR EM SEU CORPO HAVIA diminuído. Ela não viu Miles quando passou por entre a multidão e foi pegar sua mochila e o pagamento da noite com Frankie. Ela ouviu vagamente as instruções que ele deu sobre o local das lutas da próxima semana, contou o dinheiro para se certificar que ele não lhe estava dando um calote e tentou ignorar o latejar em suas veias.

*Ele está procurando por algo, e eu não sei se é você.*

Um arrepio passou por ela. Balançou a cabeça, tirando a voz e o rosto de Castor da mente, a fim de se preparar para o que estava por vir.

Miles a esperava do lado de fora. Nos poucos minutos que levaram para que Lore voltasse à rua, ele já tinha dado um jeito de ficar sem fôlego — por andar rápido demais, por ensaiar o discurso que estava prestes a dar ou por uma combinação das duas coisas. Ele se acalmou quando a viu saindo pela porta, fingindo que estava só checando o celular esse tempo todo.

De todas as coisas que esperava ouvir dele, “Quer comer alguma coisa no Martha’s?” não era uma delas.

Lore hesitou. O que ela queria mesmo era ir para casa, tomar um banho e dormir pelos próximos seis dias, até que essa caçada nojenta chegasse mais uma vez ao fim e o próximo ciclo de sete anos começasse. Mas Miles tinha um efeito tranquilizante nela.

— Claro — disse Lore, forçando indiferença. Ainda parecia que havia electricidade passando por debaixo de sua pele. — Parece bom para mim.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Dessa vez é você quem paga, sério.

— Eu? — perguntou ela, se deixando levar de volta ao confortável ritmo entre os dois. — Pode ser que eu use todo o meu poder de sedução e consiga nossa comida por conta da casa.

— Quando, em toda sua vida — Miles começou a dizer, genuinamente curioso —, isso *funcionou*?

— Me respeite — disse Lore. — Eu sou adoravelmente persuasiva.

Tentou lançar uma piscadela sedutora para ele, mas seu rosto estava dolorido com os golpes que levava, e o inchaço provavelmente também não ajudou muito.

Miles abriu a boca para dizer algo, mas mudou de ideia.

— O que foi? — perguntou ela.

— Nada — disse ele, olhando para o céu nublado. — Vamos, antes que a gente acabe tomando um banho. Nós dois sabemos que só você precisa dele.

O ar gotejava com a umidade, perfumado com o cheiro dos sacos de lixo empilhados para coleta da manhã seguinte. Um táxi passou muito rápido, levantando uma onda de água de esgoto. O tempo estava chuvoso há dias, e Lore sabia que mais chuva estava por vir.

— Estou usando uma requintada fragrância de *Lo Mein* e suor — disse Lore. — Com você, gosto não se discute.

Isso, é claro, não era verdade. Miles cuidava do corpo como se fosse uma obra de arte, deixando-o falar por ele — seu temperamento, seus interesses e as pessoas que carregava em seu coração. Sua pele era tomada por uma variedade de tatuagens, indo de belíssimos desenhos florais e vinhas que se entrelaçavam no peito e rostos de arte moderna que ele mesmo desenhara a montanhas, olhos e conjuntos de formas cujo significado apenas ele sabia. Lore sempre adorou as tatuagens simples de letras do alfabeto hangul em seu pescoço, por causa da história por trás delas. A frase que formavam era o que a avó de Miles costumava dizer a ele quando ele ligava, aos domingos, para ela e para os pais, que moravam na Flórida. *Eu te amo mais a cada nascer do sol*. Quando ele a mostrou para Lore, ela o repreendeu por fazer outra tatuagem, lambendo o dedo e fingindo apagá-la, mas ao mesmo tempo ficou radiante de orgulho durante todo o resto daquela noite.

Eles andaram pela estação de metrô Canal Street para pegar a linha A até a 125th Street. Lore estava na metade da escada quando ouviu o metrô se aproximando e sentiu a rajada de ar que o anunciava chicotear pela estação. Ela correu, tirando seu MetroCard do bolso traseiro e o deslizando pelo leitor. Miles, que nunca se preparava antecipadamente, deixou escapar um som sufocado e se atrapalhou todo com a carteira.

— Espera... não... aff... — Miles passou o cartão de novo, recebendo uma mensagem de erro.

Eram três e meia da manhã, mas o serviço do metrô era mais lento nas horas fora de pico, fazendo o vagão ficar cheio. Ela segurou com o antebraço a porta que fechava bem quando Miles passou correndo por ela.

Ele esbarrou no ombro da amiga quando o metrô deu um solavanco para frente.

— Martha's — disse ela. — Faminta.

— Táxi — disse ele. — Fácil.

— Dinheiro — disse ela. — Desperdício.

O vagão esvaziou na estação Columbus Circle, liberando os assentos na frente deles. Miles sentou-se e imediatamente pegou o celular. Lore respirou fundo, esfregando a mão na testa. Com o corpo inerte, o caos dos pensamentos era tudo que lhe restava.

*Ele está procurando por algo, e eu não sei se é você.*

Lore já estava abalada por ver os caçadores na cidade. Sabia que deveria temer que Aristos Cadmou — ou seja lá quem ele havia se tornado como deus — a encontrasse. Seria ainda mais cuidadosa agora e deixaria a cidade mais tarde naquele dia, se afastando das lutas e dele. De todos eles.

Mas o sentimento predominante não era o de pânico. Lore sabia que poderia se esconder, porque vinha fazendo isso com sucesso nos últimos três anos. Em vez disso, havia uma inquietação em seu corpo da qual não conseguia se desfazer, uma rigidez indesejável no peito toda vez que seus pensamentos conjuravam o rosto de Castor.

*Vivo* — pensou, ainda se sentindo estranhamente atordoada com a ideia.

Miles emitiu um ruído de desânimo ao lado dela. Lore deu-lhe uma olhada assim que ele fechou um dos aplicativos de relacionamento.

— O que aconteceu com o carinho que você saiu na sexta-feira? — perguntou Lore, dando boas-vindas à distração. — Pensei que ele tinha potencial. Nick?

— Noah — disse Miles, fechando os olhos e respirando fundo, como se buscasse forças. — Fui ao apartamento dele e conheci todos os seus quatro hamsters.

Lore virou o corpo para ele.

— Mentira.

— Ele os nomeou em homenagem às suas primeiras-damas favoritas — prosseguiu Miles, soando aflito. — Jackie tinha um chapeuzinho feito de feltro e esmalte. Ele me fez dar comida para eles. Pequenas tiras de alface. Alface, Lore. *Alface*.